

Duplicata

M 606
M 159
CM 24.11.52
Go 4e 5.5.61
RN 62
DN 10.12.79

Não me Maltrate o Mineiro

RUBEM BRAGA

SÃO velhas notas a lápis que eu tomei há muito tempo, na praia de Marataízes, no Espírito Santo. São letras de Divino e de jongo, e também tôda uma história em versos de um mineiro. Anotei o nome de um cantador, Benedito Calunga, e de outro, Antônio Duarte.

Letra de jongo não tem rima. São dois ou três versos contando uma coisa simples, mais lacônicos do que um kai-kai.

«À meia-noite Vitorino deu um berro: vaca danada rebentou portão de ferro». «Defunto depois de morto não pode enjeitar caixão». «Tubarão é peixe grande, engasgou com lambari». «Ai, não acompanha marinheiro, tôda vida anda no mar. É bonito meu vapor andar lá no mar, meu vapor andar». «Que fumaça aquela que vem lá, fazendo as pedras chorar». «Eu quero ver meu pião rodar, jongueiro nôvo de Maria Sarará». «Lá na beira do rio tem casa. Não tem morador, mas tem casa». «Se é negro eu tiro o couro, se é mulato eu tiro a casca». «Alumeja meu caminho, estrêla-d'alva, meu caminho». «Passarinho do céu caiu no mar». «O tatu tá cavucando a sepultura de seu pai». «Lambari tá pelejando pra subir na correnteza».

A letra do Divino é tôda em quadras. «É chegado o Deus da Glória — Sagrado Divino — Salvando todos que estava — Mulher e homens, meninos».

«Procurando pelo mundo — andando de mão em mão — o Divino Espírito Santo — com seus nobres fo-hão».

«Quem não gostar de meu Deus — o que nós havemos de fazer? — Este mundo não é nada — o outro é quando morrer».

«Anda correndo êste mundo — em atrás de um passarinho — em cima de seu bastão — aonde foi fazer seu ninho».

«Filho, fica sabendo — que êste Deus é soberano — vem fazer sua festa — em todo princípio de ano».

«O nosso Sebastião Marvila — toma conta da bandeira — passa a mão no resplendor — correndo esta praia inteira».

A história do mineiro é um verdadeiro romance, começando assim:

«Eu passei numa cidade/cidade de zombaria/palácio de três andar/casa com três moradia».

Cheguei na casa de um velho/sem saber o que dizia/passava de meia-noite/cheguei salvando: bom dia./Aqui chegou um mineiro/pra casar com sua fia».

O velho tinha duas filhas, mas para desgraça do mineiro, «uma dizia que não/ e a outra que não queria».

Além disso, a velha, mãe das môcas, chegou «de cara enfarruscada», dizendo que suas filhas «não estavam perdidas/nem estão desacreditadas/pra se casar com um mineiro/que teve pelas estrada».

O mineiro assustou-se: «Fui panhando o meu chapéu/e descendo pela escada»; mas vi lá em cima que «tava o velho assobianço a cachorrada». E êle saiu correndo e gritando «arreda aí, minha gente, deixa o mineiro, ir rompendo». Passou a porteira correndo, pulou em cima de seu burro pelo de rato, e sua fuga não tem fim:

«Travessi mar sem canoa/passei rio sem navio/ para ver se alcançava/aonde nunca eu pude ir./ Minha faca na cintura/minha garrucha laporte/pois quem viu o que eu vi/está contando com a morte».

Mas a verdade é que nós, da praia, não desprezamos os mineiros como êsses versos parecem indicar. Vejam o comentário final da história: «Não me maltrate o mineiro/que mineiro é gente boa/do mineiro eu quero as pernas/para remo de canoa».

DN-10/12/66

201